CORREIO DO POVO

Impacto em escolas rurais
Eventos climáticos atingiram a estrutura de 84 instituições no campo, desafiando alunos e professores

Motim gera caos histórico
Colunista Oscar Bessi avalia que decisões foram equivocadas nas negociações do episódio em 1994

Titãs lança audiovisual
Projeto 'Microfonando', de Rick Bonadio, aproxima o público do trio remanescente da banda

ANO 129
Nº 281
PORTO ALEGRE, DOMINGO
7/7/2024
RS, SC: 4,50 | POA: 4,00

ÉDISON VARA / CP MEMÓRIA



Terror em Porto Alegre

Há 30 anos, ousada fuga do Presídio Central, comandada por Dilonei Melara (C), teve perseguição pelas ruas da Capital e terminou com invasão do hotel Plaza São Rafael. Confrontos deixaram quatro criminosos e um policial mortos

+ tempo

Domingo de muito frio no Estado

O período de muito frio no Rio Grande do Sul prossegue neste domingo com outro dia de temperatura baixa. O frio é mais intenso ao amanhecer no Oeste e no sul do Estado, com geada e marcas abaixo de zero em algumas cidades. A tarde torna a ser de temperatura baixa e será muito fria na Serra. O sol aparece com nuvens no Oeste e no Sul. Nas demais regiões, muitas nuvens. Chove e garoa no Norte e no nordeste do Estado, em cidades como do Alto Uruguai, Serra, Planalto, vales, Grande Porto Alegre e Litoral Norte.

Previsão para Porto Alegre:

DOMINGO	SEGUNDA
10º 14º	7º 13º

METSUL METEOROLOGIA

GRUPO RECORD RS

CORREIO DO POVO

FUNDADO EM 1° DE OUTUBRO DE 1895
EMPRESA JORNALÍSTICA CALDAS JÚNIOR

DIRETOR PRESIDENTE
Marcelo de Sousa Dantas
presidencia@correiodopovo.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO
Telmo Ricardo Borges Flor
telmo@correiodopovo.com.br

DIRETOR COMERCIAL
João Müller
jmuller@correiodopovo.com.br

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
Fone (51) 3216.1600 e 0800.0099100
atendimento@correiodopovo.com.br
Atendimento presencial:
Rua Caldas Júnior, 219
das 8h30min às 17h
Redação: Rua Caldas Júnior, 219
Porto Alegre, RS
CEP 90019-900 | Fone (51) 3215-6111

COMERCIAL
Atendimento às Agências: (51) 3215.6169
Teleanúncios: (51) 3216.1616
anuncios@correiodopovo.com.br
Operação Comercial: Fone (51) 3215-6101
ramais 6172 e 6173
opec@correiodopovo.com.br

FILIADO

VENDA DE ASSINATURA
Fone (51) 3216-1606

Modalidade	Capital-POA	Interior RS/SC/PR
Digital (todos os dias)	R$48,00	R$ 48,00
Imp. Sáb./Dom.	R$ 71,00	R$ 78,00
Imp. Seg. a Sex.	R$ 94,00	R$ 103,00
Imp. Seg. a Dom.	R$ 109,00	R$ 119,00

VENDA AVULSA
Capital-POA: R$ 4,00
Interior/RS e SC: R$ 4,50
Demais Estados: R$ 6,00 mais frete

+ fotocorreio

Leia mais em correiodopovo.com.br/blogs/**fotocorreio**



Foto: Fabiano do Amaral | Texto: Paulo Mendes

Sonho nas tiras do bodoque

A esperança e o sonho podem estar em qualquer lugar. Até numa forquilha ou nas duas tiras de borracha de um bodoque de criança *arrabalera*, dessas que nascem e crescem nos bairros periféricos, nos arrabaldes. A brincadeira infantil pode ter um alvo a 15 metros, mas pode, também, estar mais à frente, nos próximos meses ou até anos, porque a vida negaceia, vai e volta, surge todos os dias de forma inesperada e apresenta surpresas. O guri brinca em meio aos destroços das enchentes, entre o lixo que as águas a tudo transformou, sobre o lodo avermelhado, como uma ave que pousa sobre os corpos após uma batalha sangrenta. O menino brinca esquecido da paisagem que o rodeia, galopa sua imaginação num gesto tão simples e humilde na melhor percepção do lúdico. Porque brincar é como cantar no meio das tempestades, dançar dentro de um campo de cadáveres insepultos. Brinca porque não importa o que aconteceu com ele, com seus familiares, com seus amigos e vizinhos. Basta ter uma pequena forquilha nas mãos, dois pedacinhos de borracha, um pequeno mundo e acreditar, impiedosamente, na vida.

+ opinião

Leia mais em correiodopovo.com.br/**colunistas**



Taline Oppitz

Pauta eleitoral se impõe

Cenário da disputa pela Prefeitura de Porto Alegre ainda tem peças faltando. Indicação de nomes para a formação das chapas está indefinida.

Aponte a câmera do seu smartphone para o QR Code acima e assista ao vídeo do colunista



Hiltor Mombach

Dúvidas sobre a Arena

Ex-presidente do Grêmio, Romildo Bolzan conta as dificuldades nas negociações com a empresa que administra a Arena e que voltaram à tona recentemente.

Aponte a câmera do seu smartphone para o QR Code acima e assista ao vídeo do colunista

Escolas do campo não são mais as mesmas

Secretaria Estadual da Educação revela que os recentes eventos climáticos extremos danificaram estruturas de 84 escolas do campo e ainda afetaram, indiretamente, outras 124. Juntas, atendem 29.991 estudantes no RS

POR GABRIELA SARDI*

Em apenas quatro minutos, a Escola Técnica Estadual Cruzeiro do Sul, na zona rural de São Luiz Gonzaga, viu parte de sua estrutura ruir. Os estrondos vindos do céu foram um susto para os três alunos que estavam no alojamento da instituição na noite do último dia 15/6, quando o município foi atingido por uma microexplosão atmosférica – fenômeno que despeja sobre a terra, em poucos instantes, muita chuva acumulada, junto a trovões e granizo. "Foi tudo muito ligeiro. Começou a chuva e logo já caíram árvores e telhas", relata Rhaniel Rutsatz, aluno secundarista que presenciou, da cozinha da escola, a passagem da tempestade.

A instituição da rede pública estadual oferece Ensino Médio e Técnico a 300 estudantes de São Luiz Gonzaga e de outros dez municípios vizinhos. O diretor, Ayrton Avila, revela que a microexplosão levou abaixo os telhados de dois prédios: o que abriga as salas de aula e o que acomoda os 55 alunos que vivem na escola. Com janelas estilhaçadas e vários espaços danificados entre aviários, estufas e galpões de vacas e ovelhas, a Cruzeiro do Sul contou com a ajuda da comunidade para se reerguer. Assim, já no dia seguinte à chuva, pais, alunos e funcionários foram ao colégio conferir os estragos e, juntos, arrecadaram recursos necessários à reconstrução. A força-tarefa fez com que, em 16 dias, todas as turmas pudessem retomar o trabalho.

Mas nem tudo está nos conformes: falta instalar um forro nos telhados, limpar o espaço externo, restaurar parte da rede elétrica e repintar as paredes. Para esses e outros reparos, a escola aguarda verbas do governo estadual. O diretor afirma que não há previsão para o repasse. De todo modo, conclui que a escola "nunca mais será a mesma". As novas mudas de plantas são símbolo disso: suprem a demanda por verde, mas não substituem as antigas árvores, derrubadas pela raiz com a força da tempestade. Se ainda estivessem de pé, elas completariam, junto à escola, 65 anos de idade.

AYRTON AVILA / ESPECIAL / CP



"Temos que entender que, cada vez mais, a natureza está no comando", sentencia Ayrton Avila, diretor da Escola Técnica Estadual Cruzeiro do Sul, ao lamentar os estragos no local, em São Luiz Gonzaga

ÁGUA TOMOU CONTA

A diretora do Colégio Estadual Cerro Branco, Fabiane Machado, nunca imaginou adentrar a escola por rombos feitos no muro da quadra de esportes. O pai de uma aluna, no comando de um trator, foi quem abriu caminho para que ela chegasse às salas de aula, sob o cheiro putrefato do lodo. "Nossa escola foi totalmente alagada. Entrou água até um metro e meio, mais ou menos (...). A água entrou com muita força, muita velocidade, arrancou portas, piso, tudo", relata Fabiane. Graças a uma série de mutirões de limpeza, que mobilizaram a comunidade da cidade de Cerro Branco e de municípios vizinhos em prol da escola, as aulas puderam retornar em 5/6. "No início, faltou bastante aluno, porque as estradas sumiram. O rio trocou tudo de lugar", relata a diretora, mencionando os estragos na ponte que liga Cerro Branco a Candelária.

Para a retomada das atividades, a escola contou com recursos de doações, arrecadações do Círculo de Pais e Mestres (CPM) e fundos da prefeitura, além de itens emprestados de outras instituições de ensino. "De repasse do governo, achamos que vinha mais, porque fomos muito prejudicados. A gente ainda está aguardando. Espero que venha mais alguma coisa", diz Fabiane. Questionada sobre a previsão de repasses adicionais para escolas do campo, a Secretaria Estadual da Educação não respondeu a esta reportagem.

A incerteza de orçamento é justamente o que preocupa Fritz Roloff, presidente da Associação Gaúcha de Professores Técnicos de Ensino Agrícola (Agptea). Além de julgar morosa a ação do poder público, ele considera que as escolas deveriam ter mais autonomia para gerir as próprias despesas. Na emergência, "quando se coloca o carro na frente dos bois e depois se grita", são as necessidades de primeira ordem que são atendidas, com o auxílio e os recursos que há: mobília para as salas de aula e alimentos para o refeitório, por exemplo. Mas a carência acaba por permanecer em relação a uma custosa série de equipamentos e maquinários do campo. "Vira uma educação do quebra galho", conclui Fritz.

DILÚVIO FINAL

Ainda no final de abril, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Maria Luiza da Rocha Pires, em General Câmara, foi completamente inundada pela chuva. O prejuízo foi tamanho que, depois de uma vistoria, o governo estadual resolveu interditar o prédio. E, ao cabo, a decisão foi definitiva: após 71 anos de ensino, a escola fechou suas portas, com 15 centímetros de lodo. "Foi um baque", sentencia a diretora Marcia Lizardi. Junto a oito colegas, seis professores e dois funcionários, a dirigente será realocada em instituição de ensino na região. Os alunos também serão transferidos. A maioria vai frequentar a Escola Estadual Ensino Fundamental Anita Moreira, localizada a cerca de 6 km da escola original. Para José Antônio Vieira, pai de Erika, aluna do 7º ano, a enchente foi como um "dilúvio" que arrasou o lugar em que, há 30 anos, ele próprio pisava como estudante. É atravessando a ERS-130, estrada de terra que liga General Câmara ao distrito de Mariante, onde agora "só passa trator", que ele conclui, sucinto e entristecido: "Era um lugar bom".

** Sob supervisão de Maria José Vasconcelos*

Há três décadas, fugitivos do Central invadiram de táxi o Plaza São Rafael

Presos renderam funcionários do presídio e iniciaram o motim, que seguiu tomando as ruas de Porto Alegre, em uma perseguição que acabou com mortos e feridos. Cerco durou 48 horas, com a rendição do bando no hotel

POR GUILHERME SPERAFICO

CP MEMÓRIA



Veículo com os detentos foi até a rua Alberto Bins no Centro, onde ocorria um congresso de psiquiatria. Parte do grupo, incluindo Dilonei Melara, permaneceu no local com vítimas até a prisão no sábado, enquanto o Brasil se preparava para assistir ao jogo da Seleção na Copa do Mundo

Há exatos 30 anos, a Seleção Brasileira se preparava para entrar em campo para as quartas de final da Copa do Mundo dos EUA. A equipe, que mais tarde viria a conquistar o tetra da competição, enfrentaria, no sábado (9 de julho), a Holanda. Ao mesmo tempo, a população ainda se adaptava aos impactos da mudança da moeda. No primeiro dia daquele mês, entrava em circulação o real. Somado a isso tudo, os dias mais frios de um rigoroso inverno castigavam, ao mesmo tempo que atraíam as atenções da população gaúcha.

Em meio a esse cenário, o mais famoso motim penitenciário do RS tomava as ruas de Porto Alegre até terminar com cinematográfica invasão do hall do hotel Plaza São Rafael. O caso deixou o saldo de cinco mortos, sendo quatro criminosos e um policial civil, além de 11 feridos e a marca de 48 horas que não sairão das mentes dos envolvidos, em uma cidade que parou para acompanhar os desdobramentos. Tudo começou dias antes. Com supostos problemas de saúde, alguns presos pediram para serem levados ao Hospital Penitenciário do Presídio Central – hoje Cadeia Pública de Porto Alegre. Entretanto, as enfermidades não passavam de um plano para que fosse dado o pontapé inicial para a rebelião.

Pedro Ronaldo Inácio, vulgo Bugigão, que dizia ter problemas pulmonares. Em uma quinta-feira, 7 de julho, no setor de atendimento especializado, ele conseguiu imobilizar um dos funcionários. Ao mesmo tempo, Vladimir Santana da Silva, o Sarará da Vovó, rendeu o então diretor do Hospital Penitenciário, Claudinei dos Santos. Armados com armas de fogo, além de Bugigão e Sarará, os detentos Francisco dos Reis Cavalheiro (o Chico Cavalheiro), Nairo Ferreira Soares (o Boró) e José Carlos Pureza (o Pureza), também se amotinaram. Os criminosos eram liderados pelo também preso Fernando Rodolfo Dias, o Fernandinho, e mantiveram, ao todo, 27 reféns dentro da unidade.

O grupo exigia a presença de autoridades ligadas aos Direitos Humanos. Por isso, o deputado estadual Marcos Rolim e o juiz da Vara de Execuções Criminais, Marco Scapini, foram enviados ao Central, assim como a Brigada Militar e a Polícia Civil. Em viagem à Brasília, o então governador Alceu Collares também retornou ao Estado e determinou a criação de uma comissão para que tivesse início a negociação, que contou ainda com a participação de membros do Executivo e do Judiciário.

Durante o processo inicial de negociação, os amotinados exigiram que fossem trazidos de outro pavilhão os presos Luiz Paulo Schardozin Pereira, o Chardozinho, e Carlos Jeferson Souza dos Santos, o Bicudo, que assumiu a liderança e manteve o motim ao longo de todo o dia seguinte. Já na noite de sexta-feira, dia 8, após nova exigência dos criminosos, ocorreu a transferência de Dilonei Melara e Celestino dos Santos Linn, que estavam na Penitenciária de Alta Segurança de Charqueadas (Pasc). Nas horas seguintes, os presos exigiram veículos Ômega para que pudessem fugir do presídio. Com medo de que algo mais grave pudesse ocorrer, Brigada Militar e Polícia Civil foram voto vencido na decisão das autoridades de liberar os amotinados. Foram enviados três carros, todos modelo Gol e alterados para que tivessem pane logo após sair do Central. Tão logo iniciada a fuga, também começou a perseguição policial.

Em um dos três carros embarcaram Melara, Fernandinho, Bicudo e Linn. No segundo automóvel ficaram Chardozinho, Chico Cavalheiro e Bugigão, enquanto no terceiro estavam Pureza, Boró e Sarará da Vovó. Cada veículo rumou para uma direção diferente e, em todos, havia reféns. Contrariados pela liberação dos presos, os policiais civis iniciaram uma caçada pelas ruas da Capital.

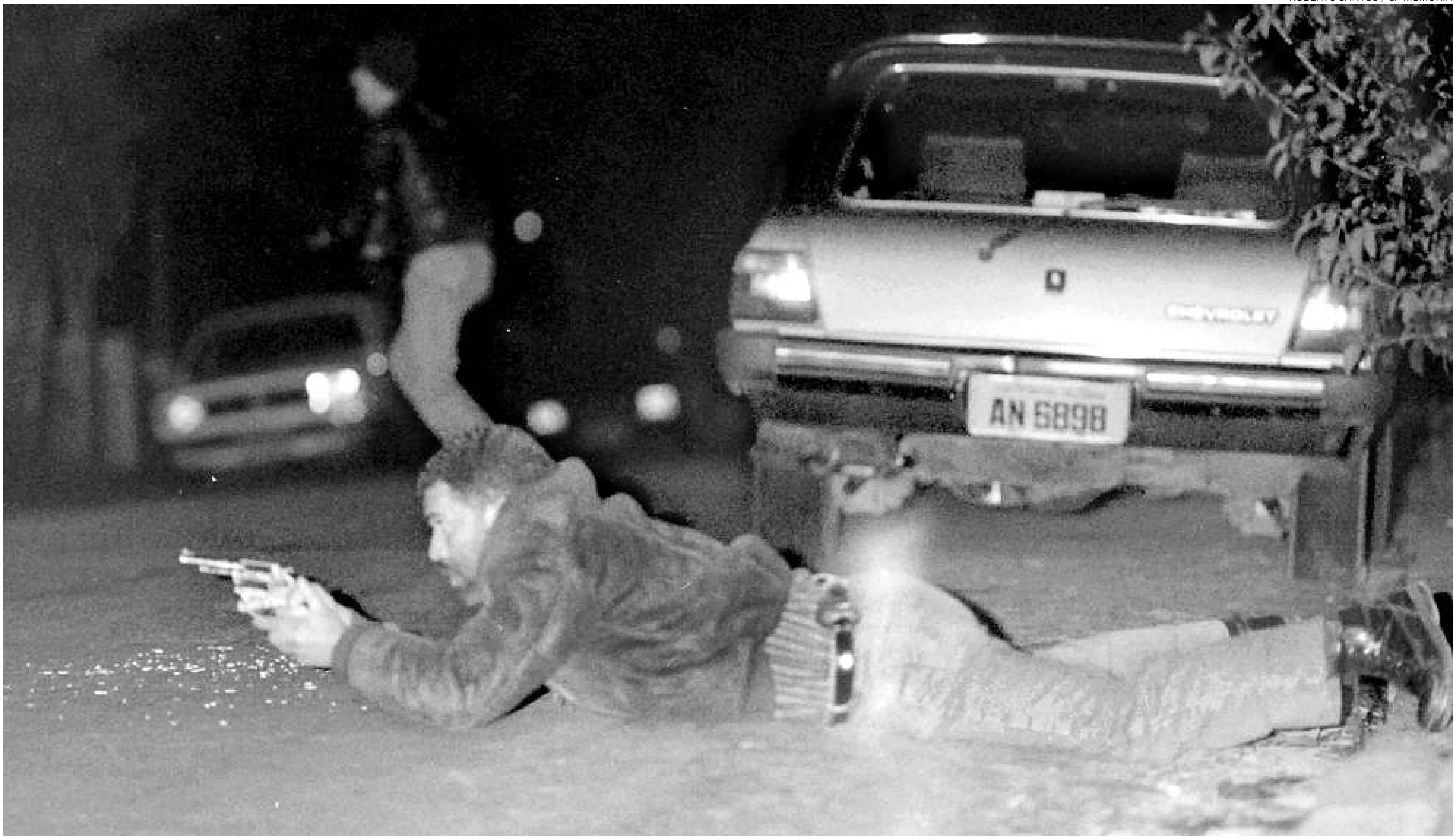
Chardozinho, Chico Cavalheiro e Bugigão colidiram o carro nas proximidades do Shopping Iguatemi, abandonaram o Gol e invadiram uma festa no Country Club. Chardozinho foi capturado durante as buscas e os outros dois conseguiram fugir em outro carro roubado. Na Lomba do Pinheiro, Pureza, Boró e Sarará da Vovó morreram em confronto com a polícia. Um dos reféns, o filho do diretor do Hospital Penitenciário, ficou ferido.

No terceiro carro, Melara, Bicudo, Fernandinho e Linn levavam o diretor do Hospital Penitenciário, Claudinei dos Santos, e as estagiárias de psicologia Simone Munareto e Luciana dos Santos. O veículo sofreu uma pane na rua Ivo Corsseiul, bairro Petrópolis, e Claudinei foi baleado durante a troca de tiros entre os bandidos e a polícia. Ferido pelo tiro que viria a deixá-lo paraplégico, ele foi colocado para o lado de fora do carro, em uma cena que também ficou marcada na história. O tiroteio também resultou na morte de um policial civil.

Com os reféns, os criminosos exigiram um novo carro para a fuga e receberam uma Parati de uma emissora de televisão. Na avenida João Pessoa, saíram de veículo e embarcaram em um táxi, seguindo até invadir o hall Hotel Plaza São Rafael, na avenida Alberto Bins, onde era realizado um congresso de psiquiatria.

Linn correu para o local do evento, onde fez alguns reféns e foi baleado. Hospitalizado, ele morreu dias depois. Melara e Fernandinho ficaram no hotel com as estagiárias e uma funcionária até o momento da rendição, já no sábado, horas antes de a Seleção superar a Holanda por 3 a 2, no jogo marcado pelo histórico gol de falta do lateral esquerdo Branco.

ROBERTO SANTOS / CP MEMÓRIA



Fuga foi um verdadeiro cenário de guerra, com episódios de tiroteio, que colocaram em risco tanto os policiais como os civis. Jornalistas acompanharam todo o desdobramento e alguns deles até mesmo se tornaram reféns dos apenados

Cobertura da imprensa foi 'adrenalina pura'

A imprensa acompanhou de perto toda a situação do motim, com repórteres correndo riscos ao lado das forças de segurança e, em alguns casos, sendo usados como reféns e escudos humanos pelos criminosos. Entre eles estava Luciamem Winck. Hoje coordenadora de Produção, prestes a completar um ano de empresa, ela reportou todo o caso para o **Correio do Povo**.

> *Transformamos a recepção do Plaza (São Rafael) em vários ambientes. Em momentos, era estúdio de rádio e TV e redação de jornais. Fazíamos os textos em manuscritos e ditávamos para os colegas que estavam na redação através de ligações telefônicas a cobrar, em orelhões.*
>
> **Luciamem Winck,** Coordenadora de Produção do CP

Luciamem destaca que foram três dias e duas noites que pareciam intermináveis. "Lembro que saí de casa para trabalhar e só retornei três dias depois. Adrenalina pura em meio a uma Copa do Mundo. Naquela época não tínhamos celulares, apenas rádios transmissores que funcionavam com baterias", relembra a jornalista. "No momento da fuga, havia muitos jornalistas na frente do Presídio Central e poucos carros de imprensa. Foi um momento em que todos pareciam pertencer ao mesmo time. Os carros de imprensa partiam lotados atrás das viaturas e dos veículos que levavam os fugitivos", acrescenta.

Durante a fuga, ela se viu em meio à guerra estabelecida entre a polícia e os amotinados. "Entre a casa prisional e a chegada ao Plaza São Rafael, foram vários confrontos. O primeiro foi no Jardim Botânico. A 'bala pegando' e me vi na linha de tiro. Escapei ao avistar um muro baixo e me lancei para dentro do terreno. E literalmente despenquei, uma vez que o terreno era muito mais baixo do que o nível da calçada. Tentava me reerguer quando avistei dois furiosos cães correndo na minha direção. Saí correndo, subi as escadas e saltei para fora, escalando o portão", recorda.

A jornalista precisou pegar carona em um carro de outra equipe de imprensa para continuar a cobertura. "Para sair dali peguei carona no carro da concorrência. Nas imediações do acesso à Reitoria da Ufrgs, novo confronto. Corri na direção da avenida João Pessoa e uma mulher parou o veículo e me ofereceu ajuda. Embarquei e não percebi que ela me levava para o lado oposto ao conflito. Desembarquei, peguei um táxi e segui atrás da caçada aos fugitivos que, a estas alturas, seguiam na direção do Palácio Piratini, também em um táxi", observa.

O ponto culminante foi a invasão do Plaza São Rafael. "Eis que invadiram o Plaza, colocando abaixo as portas de vidro e lá permaneceram amotinados. Permaneci no hotel até a rendição, em um sábado, na hora em que Brasil e Holanda disputavam uma partida de futebol. Transformamos a recepção do Plaza em vários ambientes. Em momentos, era estúdio de rádio e TV e redação de jornais. Fazíamos os textos em manuscritos e ditávamos para os colegas que estavam na redação através de ligações telefônicas a cobrar, em orelhões", detalha Luciamem.

Mesmo em meio às condições adversas de trabalho, os veículos de imprensa permaneceu no local até a rendição dos participantes. "A recepção também servia de local para o descanso – de olhos abertos – e era onde fazíamos nossas refeições, compradas nos bares do entorno. Loteamos as tomadas da recepção para carregar as baterias dos rádios e ali ficamos", conclui.

Delegado avalia problemas durante as negociações

Na comissão instalada para acompanhar o motim estava o delegado Alexandre Vieira. Por ser o único delegado de plantão naquele momento e pela experiência adquirida ao longo de anos, foi ele o escolhido pela chefia da Polícia Civil para se dirigir ao Presídio Central. Conforme Vieira, ele tentou tomar as rédeas da negociação, ao lado da Brigada Militar. A situação era tensa e as exigências dos criminosos não seriam atendidas pelas forças policiais. "Eu não negocio com bandido", garante.

Estratégias táticas eram idealizadas pela Polícia, que se tornou voto vencido na comissão, segundo ele. Com o passar do tempo e a gravidade das ameaças dos criminosos, a interferência política teria se tornado um fator determinante no desenrolar do caso. Em determinado momento, um dos amotinados disse que, se o grupo não fosse atendido, uma das vítimas seria degolada e a cabeça seria jogada nos pés dos negociadores, algo que teria assustado alguns dos integrantes da comissão, que decidiram fazer a transferência de Dilonei Melara e Linn e liberar os carros para a fuga.

A consequência de todo o saldo poderia ter sido distinta, caso a situação tivesse sido conduzida pela Brigada Militar e Polícia Civil, na avaliação do delegado. "Se a negociação tivesse sido conduzida pela Polícia, que era a parte técnica do caso, com certeza saberíamos resolver o assunto. Ia ser demorado, ia ser desgastante, mas nós conseguiríamos equacionar e eles não sairiam de dentro do Presídio. O conflito ficaria restrito ao Presídio Central", afirma o policial.

Vieira também criticou a presença de autoridades não especializadas na operação. "A negociação não caberia a eles, a operação em si não caberia a eles. Eles poderiam até ficar num patamar de negociação apartado. Houve uma falta de preparo emocional. Parte dessas pessoas, e eu não digo isso de crítica, mas de uma questão de cada um enxergar as coisas", ressalta. O delegado acrescenta que a Polícia é treinada para lidar com esse tipo de situação e que está acostumada a enfrentar os criminosos. "Nós, policiais, já arriscamos a vida mil vezes. O juiz, o promotor, o defensor público, e muito menos o deputado, não são treinados para isso. A gente conhece esses bandidos, a gente sabia do que eles eram capazes", conclui.

JOSÉ ERNESTO / CP MEMÓRIA



Amotinados elevaram o tom das ameaças ao longo do processo e entraram em confronto com a Polícia em vários momentos, matando e ferindo até serem detidos

Motim revela facção criminosa

JC RANGEL / CP MEMÓRIA



■ Além de tudo o que envolveu o caso, o motim também trouxe ao grande público a ascensão da Falange Gaúcha, a primeira grande organização criminosa do Estado. Seguindo o exemplo do crescimento deste tipo de facção em São Paulo e no Rio de Janeiro, ela surgiu como um pontapé inicial de uma organização central responsável por diversos crimes.

■ Já apontado como uma liderança dentro do sistema prisional, Dilonei Melara (foto) virou um dos mais conhecidos prisioneiros da história do Rio Grande do Sul e também tomou o protagonismo após o motim. É conhecido, também, por ser o primeiro a fugir da Pasc. Foi ainda o primeiro a escapar do local uma segunda vez.

■ Nos anos seguintes ao motim, a Falange deu origem à facção "Os Manos", hoje uma das principais do Estado. Apesar de ser um dos fundadores, Melara não chegou a desfrutar por muito tempo do sucesso futuro que a organização criminosa viria a ter. Da ascensão e do protagonismo, chegou a um fim trágico aos 46 anos.

■ Em janeiro de 2005, enquanto estava novamente foragido, foi assassinado. Na localidade Colônia Japonesa, entre as cidades de Ivoti e Dois Irmãos, no Vale do Sinos, o corpo do criminoso mais procurado do Estado foi localizado desfigurado pelos diversos tiros recebidos. O caso nunca chegou a ser elucidado.

CP - 08/07/1994


CORREIO DO POVO

Tiroteios e mortes na fuga de amotinados

CP - 09/07/1994

CP - 10/07/1994



OSCAR BESSI
oscar@correiodopovo.com.br

Um caos histórico

Aquele julho de 1994 não era feito, definitivamente, de dias comuns. A nova moeda, o real, chegava em meio a desconfianças depois de tantas antecessoras em poucos anos. Nem se desconfiava que ela atravessaria décadas, inabalável, e chegaria até nós. Gerações de torcedores que só ouviam falar das glórias de Pelé & Cia, esperavam muito da Seleção Brasileira de Dunga, Taffarel, Bebeto e Romário que inspirava esperanças nos EUA, com um futebol bonito, mesmo depois de passar sufoco nas eliminatórias. Porto Alegre registrava neve granular na noite do dia 7, fenômeno um estágio antes da neve que bloqueava estradas na Serra gaúcha. E, na Academia de Polícia Militar, jovens cadetes que seriam declarados aspirantes a oficial naquele ano (inclusive este humilde colunista) ensaiavam suas primeiras vozes de comando, sem saber que dentre eles surgiriam dois comandantes-gerais históricos: Cláudio Feoli, de 2022 até hoje à frente da Brigada Militar, e Luiz Carlos Neves Júnior, comandante dos Bombeiros Militares entre 2021 e 2023.

Foi um mês de sustos, assombros e lições. A maior delas para nós, gaúchos, foi sem dúvida o motim com fuga do Presídio Central, além das cenas cinematográficas protagonizadas por Melara e outros do seu bando tentando escapar do cerco policial. O final da década de 1980 já havia descortinado, aos gaúchos, a realidade violenta e sem controle dos nossos maiores presídios. E o domínio funesto de facções como a Falange Gaúcha, liderada pelo próprio Melara. Episódios sangrentos e ousados, como o motim de 1987, também no Central, com mais de trinta reféns e culminando com duas mortes, além de diversos feridos. Mesmo assim, não se estava preparado para lidar com crise tão grande. É aquela velha máxima: só aprendemos como é importante saber lidar, e se preparar até para o inesperado, depois que uma tragédia acontece. Decisões políticas equivocadas, concessões, reféns, tiroteios pelas ruas da Capital. Mortes. O principal hotel de luxo da Capital, no centro da cidade, palco de terror, com seu saguão invadido por um táxi sequestrado pelos criminosos. Ninguém imaginaria algo assim fora das telas do cinema. Claudinei dos Santos, então diretor do antigo Hospital Penitenciário, foi baleado nas costas e ficou paraplégico. A cena, naquela noite gelada, que o mostrava caído no chão, baleado e sem socorro, em meio à confusão instaurada num dos tantos confrontos que aconteceram, percorreu o mundo.

O inspetor da Polícia Civil João Bento de Freitas Nunes havia recebido, naquele dia, a notícia de que estava aprovado no concurso da Polícia Federal. Mudaria de vida. Não deu tempo nem de comemorar, foi assassinado pelos criminosos. As ações policiais e uma negociação de quase 14 horas com Melara no Plaza evitaram que o caos prosseguisse. Um caos que poderia ter sido evitado. O coronel Rodolfo Pacheco, que em 1994 era capitão e comandava a Companhia de Operação especiais do Batalhão de Choque da BM e negociador, escreveu um livro sobre o episódio caótico e histórico da crônica policial gaúcha e revelou: a opinião técnica dos policiais foi muito pouco considerada na ocasião. E as concessões políticas se revelaram desastrosas. Desde então se aprendeu que a melhor ação política é deixar assunto de polícia para a Polícia resolver.

Titãs emprestam seus microfones

Trio remanescente da banda paulista lança projeto audiovisual 'Microfonado', de Rick Bonadio, com releitura intimista de sucessos

LETÍCIA PASUCH *

TONY SANTOS / DIVULGAÇÃO / CP



Após 50 shows do projeto Encontro, trio remanescente dos Titãs, Sérgio Britto, Branco Mello e Tony Belotto, lança 'Microfonando'

Mesmo após quase 50 shows da turnê "Encontro", celebração de 40 anos da icônica banda Titãs com os sete integrantes originais, os três remanescentes do grupo – Sérgio Britto, Branco Mello e Tony Bellotto – não estavam cansados. Inclusive, já tinham planos à frente. Na última quinta-feira, dia 27 de junho, esses planos foram ao mundo: "Microfonado", um projeto audiovisual desenvolvido por Rick Bonadio, que assina a produção do trabalho junto a Sergio Fouad.

Com o objetivo de colocar o ouvinte como se estivesse ao lado do artista no instante das composições, o álbum traz canções de sucesso e as do recente disco "Olho Fruta Cor" (2022) em formato acústico e em uma reaproximação mais íntima com o público. No lugar dos amplificadores, alto-falantes e caixas de retorno, entram os violões, baixo acústico, bateria e microfones. O repertório, os ouvidos já conhecem. Há, porém, diferenças: a sonoridade é adaptada e a banda empresta o microfone a artistas de diferentes gêneros e gerações.

A escolha da montagem do repertório de canções do álbum, entre uma vasta quantidade de álbuns e sucessos da banda, foi um problema, no bom sentido, e nada diferente do que a banda já estava acostumada, lembra Tony Bellotto em entrevista por áudios ao **Correio do Povo**. "A escolha de repertório sempre é um excelente problema para nós, tanto em discos quanto em shows. Quando a gente vai fazer um disco de inéditas, é um 'problema' nesse bom sentido também, porque sempre tem muita música". Para "Microfonado", o grupo apostou no ineditismo, como trazer o mais recente de estúdio do grupo. Mas não ficam de fora os grandes sucessos, como "Sonífera Ilha", que alçou o grupo à fama em 1984. A novidade é que a música conhecida pela voz de Paulo Miklos está agora sendo cantada pela primeira vez por Tony Bellotto. Também o estrondoso "Marvin", versão em português do country soul britânico "Patches". Essa já havia sido gravada por Nando Reis, mas nunca por Britto. "Cabeça Dinossauro" traz uma versão rap quase gangsta do carioca Major RD, rapper da nova geração. "Mesmo com os grandes sucessos, tem algum ineditismo ali; não tem nada por acaso", resume Belotto.

A coletânea dos artistas convidados segue na mesma linha, desde nomes que estão despontando até figuras lendárias e emblemáticas da música nacional, como Ney Matogrosso em "Apocalipse Só", Preta Gil em "Como é Bom ser Simples", Vitor Kley no reggae "Marvin", "A Melhor Banda de Todos os Tempos da Última Semana", na voz de Branco Mello. Cyz Mendes ao piano em "Um Mundo" e "Porque Eu Sei que É Amor" no vocal de Bruna Magalhães. "Sem dúvida faz parte da reputação dos Titãs essa diversidade na estética", justifica Tony Bellotto a lista de artistas que emprestam a voz para interpretar as canções. "A gente sempre operou muito nessa liberdade, nessa diversidade, tá no DNA da banda. Na hora de escolher os convidados, a gente seguiu essa linha".

O projeto conta, ainda, com a turnê "Microfonado", com a mesma promessa de releitura intimista de sucessos. De acordo com os integrantes, a atmosfera será implantada desde a parte cênica e de luz, com a ambientação dos teatros para as apresentações. "A gente também tem uma instrumentação mais culta e a nossa performance é também mais calma", atesta Britto. Infelizmente, ainda não há uma previsão de retorno do grupo a Porto Alegre. "A nossa vontade é estar aí, mostrar a nossa solidariedade ao povo gaúcho e também trazer entretenimento e diversão. Assim que for possível, a gente com certeza vai estar de volta aos palcos", promete Britto.

** Supervisão de Luiz Gonzaga Lopes*



Luiz Gonzaga Lopes

@luizgonzagalopes_

Impacto das enchentes nos jovens

Após pausa nas apresentações por causa das enchentes, a peça "Adolescer" retorna ao Teatro Ciee (Dom Pedro II, 861) na sexta, 12, às 20h. Além de assistir à montagem, que mostra experiências reais dos adolescentes e famílias em cenas apresentadas por elenco com 11 atores que cantam e dançam, o público participa de papo com a autora e diretora Vanja Ca Michel e a médica pediatra Lucia Diehl discutindo o impacto das enchentes na vida dos jovens no RS. "Os adolescentes já haviam enfrentado a pandemia e agora se depararam com essa tragédia climática sem precedentes no nosso Estado. Acredito que, superando essas adversidades, se tornarão adultos fortes, empáticos, solidários e preparados para os desafios que a vida apresentar", frisa Vanja. Lucia acompanhou a aflição das famílias nos atendimentos em consultório, na Capital, e nos abrigos onde prestou assistência médica. "Crianças e jovens expostos a tragédias como essas sofrem com mudanças de comportamento e episódios de tristeza, medo do futuro, irritabilidade e mudanças de humor. Mas há muitas maneiras de os adultos ajudarem, sendo presentes e os escutando, sem esquecer que eles têm seu próprio tempo e ritmo. É importante incentivar os encontros com amigos, reduzir o tempo de exposição às telas e encorajá-los a doarem", aponta a pediatra. Entradas pelo blueticket.com.br, com desconto para quem doar 1 kg de alimento ou produto de higiene.

CARIN MANDELLI / DIVULGAÇÃO / CP



No retorno de 'Adolescer', além da peça, o público pode conferir bate-papo com a pediatra Lucia Diehl (foto) e a diretora Vanja Ca Michel

Negras e o Flamenco

Em 17 e 18 de julho, o Salão de Atos da Ufrgs (Paulo Gama, 110) recebe três sessões gratuitas de "Flamenco Negro", da Cia de Arte La Negra Ana Medeiros, vencedor do Troféu Açorianos 2021. No elenco, estão La Negra Ana Medeiros, que assina a direção geral e coreografia, Patrícia Correa La Paloma, Bianca Benevenuto La Señora, Mima Ruedas e Rose Correa, acompanhadas de Gabriela Vilanova na viola, todas artistas negras. O espetáculo trata de temas como a influência e diáspora negra presentes no flamenco e a contribuição do negro às artes no Brasil e na Espanha. A abertura será com performance do coletivo Corpo Negro e da bailarina Kiara Sant'Anna. Além das apresentações, o projeto compreende palestras e oficinas, além de transporte gratuito a comunidades na periferia da Grande Porto Alegre. Mais: @lanegraanamedeiros.

+ roteiro de domingo

CAROLINA GRIPPA / DIVULGAÇÃO / CP



‘Samba do Quintana’ completa 1 ano

Como parte da retomada gradual das atividades da Casa de Cultura Mario Quintana (Andradas, 736), que ainda permanece fechada ao público devido aos estragos causados pela enchente, o “Samba do Quintana” retorna à Travessa dos Cataventos (térreo) neste domingo, a partir das 16h. Com programação gratuita e ao ar livre, a edição celebra um ano de seu lançamento com as performances da banda residente Thiago Ribeiro & Amigos e a participação de Roberta Moura.

O projeto realizado pela CCMQ tem curadoria da jornalista Bruna Paulin. Lançado em junho de 2023, tem como objetivo promover mensalmente a cultura do samba. Em um ano de existência, o evento mobilizou mais de 8 mil pessoas e promoveu o trabalho de 21 artistas locais, além de uma participação nacional. Para Germana Konrath, diretora da CCMQ, o Samba do Quintana já se consolidou no calendário da Casa e da cidade como um ponto de encontro entre diferentes públicos e gerações, que ocupam a travessa de modo festivo, com uma programação de qualidade. Em caso de chuva, o evento será transferido para o dia 21.

CHICO LISBOA / DIVULGAÇÃO / CP



Concerto em Canoas

A Orquestra Sinfônica de Porto Alegre se apresenta gratuitamente neste domingo, às 19h, na Paróquia Nossa Senhora das Graças (rua Tamoio, 3285), em Canoas. Diego Schuck Biasibetti fará a regência. A apresentação contará com a participação da cantora lírica Camila Umpiérrez (foto), que fará sua estreia com a Ospa. No repertório, composições de Franz Schubert, Franz Lehár, Ludwig van Beethoven, Johann Sebastian Bach, Josef Rheinberger, Johannes Brahms e Jacques Offenbach.

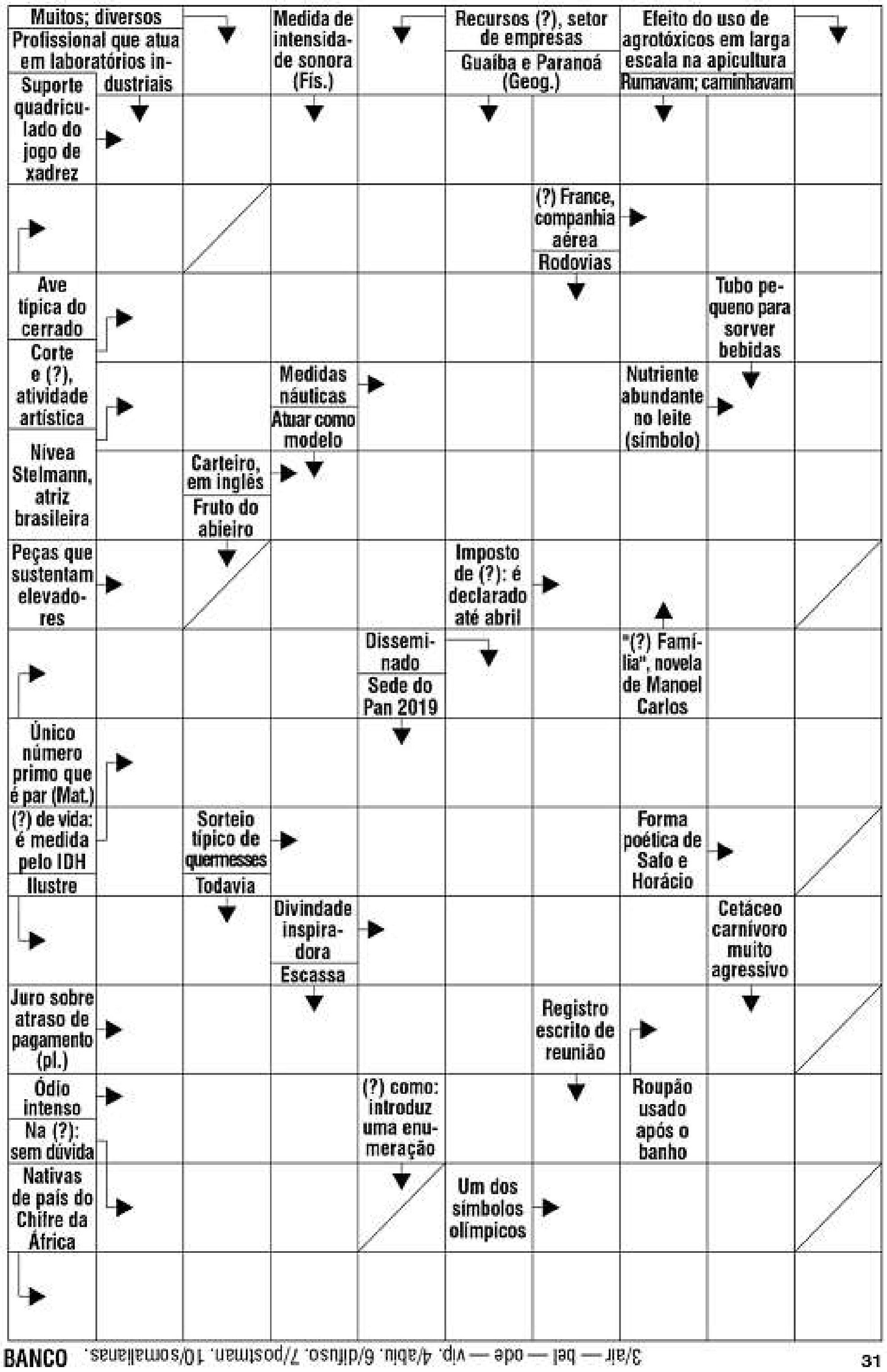
ADRIANA MARCHIORI / DIVULGAÇÃO / CP



Homenagem a La Negra

No Domingo Clássico de julho, a Orquestra de Câmara da Ulbra fará homenagem para La Negra, Mercedes Sosa. São seis canções interpretadas por Tatiéli Bueno, com arranjos desenvolvidos para o concerto: “Volver a los 17”, “Todo Cambia”, “Duerme Negrito”, “Gracias a la vida”, “Canción con todos” e “Solo le pido a Dios”. A regência é de Tiago Flores e haverá participação de Ricardo Arenhaldt na percussão. A apresentação será neste domingo, 19h, na Associação Leopoldina Juvenil (Marquês do Herval, 280). Haverá distribuição de senhas a partir das 18h.

+ palavras cruzadas





SOLUÇÃO DE SÁBADO



TELEVISÃO DE DOMINGO

2 | RECORD RS
07h00 - Santo Culto
08h30 - Iurd
09h00 - Tri Legal Tchê
10h00 - Tri Legal
11h00 - Pica Pau
11h15 - Todo Mundo Odeia o Chris
14h00 - Cine Maior
15h30 - Hora do Faro
18h00 - Canta Comigo
19h30 - Domingo Espetacular
23h00 - A Grande Conquista
23h45 - Câmera Record

18 | RECORD NEWS
07h30 - Hora News
08h00 - Agro Record News
09h00 - Estado de Excelência
09h30 - Agro, Saúde e Cooperação
10h00 - Momento Moto
10h30 - São Paulo X Marília - Futebol Feminino - CC
13h00 - Câmera Record News
13h30 - Hora News
14h00 - Hora News - Edição Domingo
15h00 - Hora News
15h30 - Doc Investigação
16h30 - Ressoar
17h30 - Record News Investigação
18h20 - Record News Séries
19h00 - Soltando os Bichos
19h30 - Aldeia News
20h30 - Record News Repórter
21h30 - Câmera Record
22h30 - Domingo Espetacular
01h30 - Nosso Tempo

CANAL 4 | PAMPA
07h00 - Pampa Show
09h00 - Programa Religioso
10h00 - Tri Legal
11h00 - Pampa Show 16h00 - A Hora do Zap
17h00 - Geral do Povo - Ao Vivo
20h15 - João Kleber Show
23h00 - Pampa Show
23h30 - Mega Senha – Reprise
00h40 - João Kleber Show

CANAL 5 | SBT
07h00 - Pé na Estrada
07h30 - SBT Agro
08h00 - SBT Sports
09h00 - Notícias Impressionantes
09h20 - Anonymus Gourmet
09h45 - Na Beira do Fogo - El Topador
10h15 - Masbah!
11h00 - Sorteio da Tele Sena
11h15 - Domingo Legal
18h15 - Roda a Roda Jequiti
19h00 - Programa Silvio Santos

CANAL 7 | TVE
07h00 - Cantos do Sul da Terra
08h00 - Rio Grande Rural
09h00 - Agronacional
10h00 - Canto e Sabor do Brasil
11h00 - Tempo da Terra
11h30 - Na Raiz dos Festejos
12h00 - Mashup à Brasileira
12h30 - 13 Canções Para Entender o Samba
13h00 - Samba na Gamboa
14h00 - Sessão de Cinema
17h30 - Brasil Visto de Cima
18h00 - Brasileirão Série B - Guarani (SP) X Sport (PE) Ao Vivo
20h30 - No Mundo da Bola
21h30 - Linhas Tortas
22h00 - Dr. Com Demori Saúde +
22h30 - Cantos do Sul da Terra
23h30 - Partituras

CANAL 10 | BAND
08h00 - Band Motores
08h30 - Boca no Trombone
09h00 - Tri Legal Tchê
10h00 - Esquenta Fórmula 1
10h30 - Fórmula 1 - GP da Inglaterra
13h00 - Viva Sorte
13h30 - Show do Esporte
12h20 - Copa Truck - Ao Vivo14h30 - Show do Esporte
15h45 - Campeonato Brasileiro Série B - Ao Vivo Ituano x Botafogo-SP
18h00 - Apito Final
20h00 - Perrengue na Band
22h00 - Top Cine
23h30 - Canal Livre

CANAL 12 | RBS
06h00 - Galpão Crioulo
07h20 - Peq. Empresas & Grandes Negócios
08h05 - Globo Rural
09h25 - Auto Esporte
10h00 - Esporte Espetacular
12h30 - Temperatura Máxima
14h25 - Domingão Com Huck
15h40 - Futebol - Juventude x Grêmio
18h10 - Domingão Com Huck
20h45 - Fantástico
23h35 - No Corre - Partiu Entrega

CR
correio do povo rural
rural@correiodopovo.com.br
Ano:41 Número: 2.135



JANDORA ALVIM / DIVULGAÇÃO / CP

Entressafra desafia pecuaristas de corte

Mesmo que a catástrofe climática tenha poupado as criações da Fronteira Oeste e da Campanha, os solos encharcados e a falta de insumos após as enchentes inviabilizam a implementação de pastagens e reduzem os negócios em pista

THAISE TEIXEIRA

Os pecuaristas já começaram o ano de 2024 sabendo que o plantio das pastagens de inverno atrasaria devido às chuvas da última primavera. Com a colheita das lavouras de verão estendida, estavam, de certa forma, até preparados para alimentar o gado na entressafra. O que não contavam era com a chuva descomunal que arrasou o Rio Grande do Sul ao final de abril, em maio e entrou junho adentro.

"A Fronteira Oeste e a Campanha são o motor da pecuária gaúcha, mas o motor que empurra essa máquina está nas áreas mais atingidas pela tragédia", comenta o coordenador do Núcleo de Estudos em Sistemas de Produção de Bovinos de Corte e Cadeia Produtiva (NESPro), da UFRGS, Júlio Barcellos. Criações importantes da região Central e da Zona Sul do Estado também precisaram mudar a estratégia, dada a gravidade das perdas e dos problemas estruturais, logísticos e produtivos.

Com as grandes indústrias de insumos sediadas na Região Metropolitana de Porto Alegre, na Serra e no Vale do Taquari, as decisões tiveram de ser rápidas. As dificuldades, mais profundas e maiores nas primeiras semanas após a tragédia, passam por escassez de comida para o gado, falta de insumos veterinários, interrupção do serviço oficial de sanidade animal do governo estadual, bloqueios de estradas, etc.

Agora, a maior dor de cabeça está na impossibilidade de implantar novas pastagens em solos que estão encharcados. Frente a uma entressafra mais longa do que a esperada – que já era atípica-, muitos se perguntam se ainda vale a pena semear as gramíneas de inverno, já que chegam ao ponto de consumo em 45 dias. "Temos praticamente 90 dias até 20 de setembro, quando o gado sai para entrar a soja. Quando eu divido o custo desta dieta pelo cardápio oferecido (ao gado), ele fica muito caro", explica Barcellos. Outros, optam por descartar parte dos plantéis antes do previsto, dadas as dificuldades de obter medicamentos veterinários, vacinas, rações e silagem.

Após a calamidade, o mercado pecuário gaúcho se ressentiu, mas não parou. Apenas o trânsito de animais foi suspenso por algumas semanas devido à impossibilidade de a Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação e Produção Sustentável (Seapi) emitir as Guias de Trânsito Animal (GTA's). Mas a solução provisória veio em parceria com o Fundo de Desenvolvimento e Defesa Sanitária Animal do Estado do RS (Fundesa) e com o Sindicato dos Leiloeiros Rurais e Empresas de Leilão Rural do RS (Sindiler/RS). "No final de maio, retomamos tudo. Aconteceram remates de gado geral, de genética, de tudo", celebra o presidente do Sindiler/RS, Fábio Crespo.

Os preços praticados nas feiras de outono foram bastante variáveis, afirma o leiloeiro. Contudo, consolidaram-se em paramares melhores que em 2023. "O terneiro é comercializado entre R$ 9 e R$ 11 o quilo vivo enquanto, no ano passado, saía entre R$ 8,50 e R$ 9. Os reprodutores estão sendo vendidos entre R$ 10 e R$ 15 kg/vv, com preços condizentes com aumento do boi gordo. Mas não está fácil. No gado geral, as praças estão mais baratas que em 2023", admite Crespo.

A movimentação contraria a expectativa sobre a qual o setor trabalhava antes das enchentes. Com o reinício do ciclo pecuário, a projeção era de uma leve retomada da cria, mesmo com a entressafra tardia e prolongada. "Os preços não alcançaram os patamares previstos, esperávamos que fossem melhores que o ano passado, o que não se concretizou", garante Barcellos. A frustração justifica-se, principalmente, pelo atraso da implementação do pasto, que garantiria alimentação à cria adquirida em pista. Também está no desânimo de quem, temporariamente, está com o abastecimento de insumos incerto e descapitalizado.

Contudo, Barcellos acredita que os remates do segundo semestre – da antiga Temporada de Primavera –, podem surpreender. "É um cenário de perspectivas favoráveis, mas há uma grande incógnita: as vendas somente serão melhores que 2023 se o criador tiver dinheiro para investir", condiciona. Crespo, entretanto, não arrisca projetar preços, mas crê nos bons ventos do "sentimento de reconstrução do RS". "Estão todos unidos, querendo o Rio Grande melhor. Vamos gerar receita, fazer a coisa acontecer, ajudar quem está perdendo", estima.

Os primeiros leilões particulares iniciam-se antes mesmo da Expointer, que ocorrerá de 24 de agosto a 1º de setembro, no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio. O Sindiler/RS prevê divulgar a agenda oficial dos remates até o fim da primeira quinzena de julho. Atualizado constantemente durante a temporada, o material serve como guia a compradores e vendedores de genética bovina, ovina e equina. "Com a antecipação da venda de reprodutores, a expectativa é que os leilões alcancem a lotação máxima, inclusive na Expointer", prevê Crespo.

Barcellos diz que o momento é crucial para quem ainda resiste em ter um planejamento estrutural de médio e longo prazos. "O criador precisa trabalhar com a perspectiva de poupança, ter estoque de gado de fácil comercialização e de comida para esse gado, precisa investir na formação de feno, de silagem, em colheita de resíduos agrícolas", indica. O tema também estará em discussão na XIX Jornada Nespro, em 22 e 23 de julho, no Salão de Atos da UFRGS, em Porto Alegre. As inscrições estão abertas no site even3.com.br.

44MEIA / LUZ DE SÃO JOÃO / CP



Frente à colheita de soja atrasada em praticamente um mês e à continuidade das chuvas, Celso Jaloto semeou e adubou as pastagens de inverno com avião agrícola

Gestão de crise garante oferta em leilão

Com planejamento estratégico em dia e poupança de gado para dar fluxo ao caixa, Estância Luz de São João, de São Gabriel, dribla a colheita da soja em atraso e a dificuldade para implantar forragens em solo saturado

A decisão de alterar o período da estação de monta para agosto, setembro e outubro ocorreu há aproximadamente três anos na Estância Luz de São João, de São Gabriel. O proprietário Celso Jaloto tomou a decisão para ampliar a área de soja e obter melhor pastagem no inverno. O planejamento, que ocorreu sem contratempos e percalços até o outono do ano passado, permitia-lhe ofertar forragem de qualidade aos touros e matrizes Braford a partir de 1º de junho.

Porém, este ano foi diferente. Com atraso na implementação das lavouras de soja da última safra, alguns ajustes no sistema de integração lavoura-pecuária (ILP) foram necessários para que todo o investimento no cronograma de reprodução, reposição e comercialização do plantel não fosse perdido.

Ainda era abril quando Jaloto percebeu a umidade do solo e a água empoçada alertavam para tempos turvos logo adiante. O solo estava encharcado e as plantas já sofriam com a falta de luminosidade. Algumas áreas tiveram até de ser replantadas, estendendo o ciclo da oleaginosa. O pecuarista não precisou ver mais de um trator impossibilitado de trabalhar a campo para decidir antecipar a semeadura das sementes de azevém sobre a soja ainda não colhida. Porém, sem condições de realizar a sobressemeadura por terra, optou pelo ar.

As plantas ainda não tinham amarelado - premissa para implantar o pasto integrado - quando um avião Ipanema sobrevoou as lavouras. Para otimizar a germinação, as áreas de coxilha foram priorizadas e uma nova investida aérea foi realizada. Dessa vez, para distribuir uma forte dosagem de nitrogênio sobre a gramínea que ainda conseguia emergir. "A pastagem precisa ter uma certa massa foliar e uma altura mínima para absorver o produto. Isso faz com que ela se desenvolva mais rápido e acelera seu crescimento", pontua o criador.

A aeronave despejou em torno de 100 quilos de ureia por hectare. A quantidade foi o que "salvou a lavoura", mas, nesse caso, a de pasto. A ação foi o que permitiu à Luz de São João entrar com o gado no azevém há aproximadamente três semanas. Os primeiros a se beneficiar foram os touros que vão a leilão no dia 10 de setembro. "Essa é uma categoria animal que a gente tem uma preocupação maior, já que engordar as fêmeas é mais fácil", compara o pecuarista. Até então, os exemplares ainda estavam em uma área de pastagem perene bastante utilizada no verão, que ainda resistia à geada.

Diminuir a carga dos animais por hectare foi algo que também fez com que a Luz de São João conseguisse driblar o cenário incerto e adverso após a calamidade. A prática comumente adotada em períodos de frio, quando há queda no percentual proteico da forragem, veio acompanhada de descartes antecipados para dar fôlego ao caixa e diminuir a demanda alimentar dos Braford rústicos. Na cabeceira da fila estavam as categorias que estavam prontas para a engorda e os terneiros recém-desmamados. . "Acabamos tendo uma despesa um pouco maior, tendo em vista adoção de produtos e tecnologia para acelerar pastagem e para melhorar o campo nativo", justifica Jaloto.

> “Cada ano é um ano – não existe um igual ao outro. Existem parecidos e alguns totalmente distintos. Essa realidade climática faz com que a gente comece a antecipar o que é possível para minimizar os reflexos negativos.
>
> **Celso Jaloto,**
> Proprietário da Estância Luz de São João

Do pasto implantado por avião também se beneficiam as terneiras, as novilhas e as vacas com cria ao pé que também vão a leilão. A aposta é que o alto dispêndio para driblar a insperada escassez nutricional seja compensado pelas promissoras expectativas com relação ao mercado de 2025. "Este ano, está mudando o ciclo da pecuária e se nota abate maior de fêmeas. Teremos reflexo no ano que vem, quando (o preço) vai voltar a valorizar os terneiros, os animais de reposição, os que têm com valor agregado. Quem tiver produzido vai estar com o caixa na mão", projeta.

As despesas com a nutrição do rebanho devem seguir em alta por um tempo. Para enfrentar o julho ainda chuvoso e finalizar a preparação da oferta de setembro, a propriedade ainda deve fazer uma suplementação mineral proteico-energética e lançar mão de feno, pré-secado e silagem para garantir a qualidade do gado. "Há perda intensa de forragem pela ausência de solo, pasto fica baixo, temos que fazer um planejamento estratégico", ressalta o Coronel Jaloto, como é conhecido entre os companheiros de atividade. A visão vem ao encontro da percepção do coordenador do Núcleo de Estudos em Sistemas de Produção de Bovinos de Corte e Cadeia Produtiva (NESPro) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Júlio Barcellos, para quem o melhor caminho ao criador é, agora, olhar para dentro da porteira.

"O Rio Grande do Sul, tradicionalmente, tem esse problema do excesso de chuva, mas, para que isso seja minimizado, o produtor precisa ter uma reserva natural de comida, porque nessas épocas o alimento para o gado desaparece", evidencia. Barcellos também ressalta a importância de o criador manter um estoque de gado facilmente comercializável. Além de garantir liquidez e capital durante os períodos desfavoráveis e inesperados, a reserva animal evitará a necessidade de recorrer ao sistema bancário para financiar capital de giro a juros altos.

Estratégia de guerra para nutrir o plantel

Estância da Gruta, de Capão do Leão, teve 1 mil hectares de campos nativos submersos por mais de 30 dias e corre contra o tempo para alimentar o gado Montana, principalmente as 750 vacas que entram em parição

Diferente das criações da Fronteira Oeste, onde a chuva judiou um pouco menos do solo, as localizadas no Extremo Sul do Estado veem-se em apuros. Além de receber maior volume de água, o relevo conta com bastante áreas de várzea, sem contar as elevadas perdas estruturais, produtivas e até humanas.

Praticamente todas as propriedades rurais da região foram parcial ou totalmente atingidas pela calamidade. Entre elas está a Estância da Gruta, de Capão do Leão. Com mais de 150 anos de história, a agropecuária é referência na produção de grãos e de bovinos Montana, além de cavalos Crioulos e pôneis.

Segundo o proprietário da Gruta, Antônio Quinto Di Cameli, o excesso de chuvas impactou todo o negócio. "Nós, que somos considerados como modelo na região, estamos com 45% da área de pastagem a ponto de entrada de gado", relata o criador. O percentual decorre dos solos encharcados e saturados, onde sementes de azevém, trevo e cornichão não se desenvolvem. "Normalmente, nós temos quase 1 mil hectares de superfície pastoril de primeiro, segundo e terceiro ano. Agora, não chegamos a 500 ha", detalha Di Camelli. O pecuarista também não pode contar com os 1 mil hectares de campo nativo, que ficaram submersos por mais de 30 dias. "Essa área já ficava alagada por três ou quatro dias quando chovia acima da média, mas, agora, só sobrou pasto podre", lamenta.

O pasto mais novo da Gruta data de março. O restante foi cultivado de acordo com as tréguas do clima. Para potencializar e acelerar o crescimento das plantas, a estância faz manejo extra com ureia e drena a água acumulada para reduzir a saturação do solo. "Essa época é muito crítica para nós, porque todo o planejamento forrageiro de inverno é para receber a parição, que já começou", diz Di Camelli.

Para manter o sistema produtivo em funcionamento, a propriedade adquire comida pré-secada. "A gente teve que apelar para caminhões de feno pré-secado de milho, silagem, bags embalados, palha de arroz, palha de azevém", explica o criador. A estratégia, inédita até então para a propriedade, conta ainda com suplementação de sal mineral.

Para superar os desafios, o negócio precisou comercializar mais animais do que pretendia. "Acabamos fazendo venda de gado e reduzindo estoque para justamente ter mais área verde, superfície pastoril aproveitável", conta o produtor. No comboio, foram as vacas que ainda não estavam prontas nem em ponto de abate e até mesmo ovinos, categoria não comercializada pela propriedade. "Qualquer quantidade de cabeças que conseguimos aliviar é bom", comenta.

A prioridade, agora, é alimentar o gado de cria. A estimativa é que 750 vacas Montana sigam parindo durante julho e agosto. No radar, também está a estação de monta, quando as matrizes precisam estar adequadamente nutridas para emprenhar. Os olhos também se voltam para o leilão dos reprodutores Montana, que ocorre dia 8 de outubro. A oferta deve oscilar entre 25 e 30 exemplares, que entram na pista da Expofeira de Pelotas. "Num ano como esse, (o leilão) vai ser muito desafiador. Criamos a pasto e fornececemos muito pouca ração. Mas, este ano, os touros vão necessitar de comida, de suplementação", analisa Di Camelli.

CAROLINA JARDINE / ESTÂNCIA DA GRUTA / CP



Antônio Di Camelli potencializa o crescimento do pasto cultivado em área encharcada com adubação extra e drenagem da água acumulada pelas chuvas

Por que a Expointer em 2024 é essencial?

A magnitude de oportunidades e de geração de renda para todos os segmentos que compõem a maior exposição da América Latina é evidenciado pela movimentação de R$ 7,9 bilhões somente na edição de 2023

POR NATHAN CARVALHO, mestre em Zootecnia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e integrante do conselho técnico da Federação Brasileira de Criadores de Animais de Raça (Febrac)

Muito mais que um sinal verde para a economia, a decisão pela manutenção da Expointer, oficializada no fis 14 de junho pelo governador Eduardo Leite, representa um "horizonte iluminado" para os gaúchos. Diante do presente cenário, a maior exposição agropecuária da América Latina ressurge como uma "mola propulsora" para que a engrenagem retome o ritmo mais habitual possível.

Ao oposto da definição de algumas pessoas, antes de ser uma festa, a Expointer é, de fato, uma insubstituível vitrine de negócios. É inegável a magnitude de oportunidades e de geração de renda que um evento do porte dessa exposição pode gerar a todos os segmentos que a compõem (responsáveis pela movimentação de R$ 7,9 bilhões na edição de 2023). Vejamos o exemplo da Agroindústria Familiar: só na edição passada, 372 agroindústrias, de 174 municípios gaúchos, comercializaram R$ 8,1 milhões.

Para muitos, a feira representa o período de maior arrecadação anual para o seu negócio. Por isso, a realização da mostra em 2024 será a oportunidade para iniciar a recuperação de suas propriedades e de suas instalações. Consequentemente, irão atrair novos investimentos para que suas atividades voltem à normalidade. Considerando as devidas proporções, a reflexão também se aplica às indústrias de máquinas e de implementos agrícolas, aos expositores de animais (produtores e vendedores de genética), às empresas de insumos e produtos agropecuários, aos artesãos (Expoargs) e a setores como o comércio e o automobilístico. Isso sem considerar os numerosos empregos diretos e indiretos gerados nos setores que comercializam produtos e serviços dentro e fora dos portões do Parque Assis Brasil, (antes, durante e depois da mostra).

A Expointer 2024 não deve ser vista como um desvio de foco. Muito pelo contrário. Não se trata de um redirecionamento de recursos. Toda a canalização de esforços dos envolvidos e o suporte do governo do Estado é um investimento em uma oportunidade visível de retomada e de incentivo à geração de renda para todos. Evidentemente, as inúmeras ações solidárias já realizadas precisam continuar e ainda poderão ser potencializadas. Por outro lado, fomentar o recomeço, impulsionar ao máximo possível o retorno das atividades comerciais dos gaúchos, também é, sem dúvida, uma forma efetiva de ajudar as pessoas.

Não esqueçamos que o produtor rural possui a nobre e permanente missão de produzir alimento! A população precisa se alimentar e vai continuar se alimentando! O produtor precisa seguir produzindo e, para isso, ele precisa das mais tecnologias. Neste sentido, a Expointer tem a sua função crucial como difusora de conhecimento, de recursos e de tecnologias. Após edições com restrições em 2020 e em 2021 (Covid-19), parece ser de entendimento da grande maioria dos expositores que é praticamente impossível substituir as amplas possibilidades de interação, a visibilidade e o alcance que um evento presencial é capaz de oferecer e proporcionar.

Por outro lado, está o caráter festivo. As pessoas precisam sorrir, viver novamente bons momentos e que esses sejam carregados de esperança! Nossa cultura e o orgulho de sermos gaúchos, mais uma vez, estará em evidência e esse é (e será) um combustível ainda mais relevante para todos nós neste momento.

Obviamente, devemos buscar entender e respeitar aqueles que não puderem participar ou que optarem por não compor esta edição tão emblemática. Afinal, cada um sabe sobre a própria realidade. Além disso, logicamente, não há obrigação em concordar com a manutenção do evento. No entanto, é sensível compreender que a realização da exposição compreende um universo muito amplo e que reflete na vida de muita gente. Não obstante, é vital olharmos para frente e ter esperança no futuro! E essa esperança, passa pela 47ª Expointer, de 24 de agosto a 1º de setembro, em Esteio.

Não percamos essa poderosa chance de mostrar nossa capacidade de superação e de ver a Expointer como um "trampolim" para um novo momento. Os desafios pela frente são muitos, mas serão superados pelo empenho e pela união de esforços do governo do Estado, de entidades copromotoras, de parceiros e de expositores.

A realização de uma Expointer exitosa é uma missão de todos nós.

É tempo de reconstrução!

COTAÇÕES & MERCADO

PREÇOS AO PRODUTOR (em R$) – Emater

Produto	Unidade	Mínimo	Médio	Máximo
Arroz em casca	saco 50 kg	107,51	110,94	117,30
Boi gordo	kg vivo	7,95	8,59	10,00
Búfalo	kg vivo	6,00	7,23	8,80
Cordeiro p/ abate	kg vivo	7,00	8,62	10,00
Feijão	saco 60 kg	180,00	269,44	510,00
Milho	saco 60 kg	53,00	57,50	73,00
Soja	saco 60 kg	121,00	124,77	131,00
Suíno	kg vivo	4,55	5,25	5,65
Trigo	saco 60 kg	65,00	68,67	71,00
Vaca	kg vivo	6,95	7,55	8,30

Semana de 1/7/2024 a 5/7/2024

BRASIL

Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2022/23	Safra 2023/24
Arroz	10.033,3	10.395,7
Feijão	3.040,6	3.331,3
Milho	131.865,9	114.144,3
Soja	154.617,4	147.353,5
Trigo	10.817,5	9.065,3

Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2022/23	Safra 2023/24
Arroz	1.479,6	1.591,6
Feijão	2.693,6	2.844,7
Milho	22.267,4	20.837,6
Soja	44.075,6	45.978,0
Trigo	3.450,5	3.078,4

RIO GRANDE DO SUL

Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2022/23	Safra 2023/24
Arroz	6.934,4	7.083,1
Feijão	72,7	75,4
Milho	3.731,8	4.914,7
Soja	13.018,4	20.193,2
Trigo	5.732,6	4.187,0

Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2022/23	Safra 2023/24
Arroz	862,6	900,6
Feijão	47,6	48,5
Milho	831,5	814,9
Soja	6.555,1	6.764,9
Trigo	1.454,6	1.342,0

Dados do 9° Levantamento de Safra 2023/2024 da Conab



CAMPEREADA

PAULO MENDES
pmendes@correiodopovo.com.br

LEONID STRELIAEV / ESPECIAL / CP



> Respeito muito o vento gelado que vem das cordilheiras, que enregela os ossos, atravessa os ponchos e machuca a carne.

Além das invernias

Havia as quietudes vestidas com rendas de gelo, o amanhecer, alvo das geadas estendidas nas várzeas, os pátios, as mangueiras e os caules. O lampião a querosene dependurado num caibro do galpão, enquanto a madrugada se bandeava e nós ali, eu e Mirica, dando início a mais um dia de julho. A mangueirinha era improvisada ao lado do bolicho lá de casa, tudo era pegado, ajoujado, pertinho, a casa grande foi virando, com o tempo, um amontoado de puxadinhos, estrebarias, na mesma caída do zinco. Tudo porque havia um declive e fomos aproveitando o terreno. Entre as duas casas, uma onde era a cozinha, o bolicho e os galpões integrados, e a casa nova, a dos quartos de dormir, fizemos aterros. Mas depois do poço, só o galinheiro e a patente nova. À esquerda, solitário, um galpão que, por muitos anos, se tornou a casa do gaiteiro. Uns 50 metros abaixo, as taquareiras e o campinho das rosetas, dos jogos domingueiros de futebol.

Esse conjunto de madeiras e zinco silenciava cedo no inverno. Eu fechava a porta da venda com a tramela e uma tranca em cruz. Não havia telejornais ou novelas. Eu e meu irmão fazíamos os temas, ajudávamos a fazer a janta no fogão à lenha e a botar fogo no fogareiro. Nos dias mais frios, mais carvão. Enquanto dona Mirica terminava os afazeres da casa, ficávamos acocorados ao redor do fogareiro, eu, o pai e o irmão, mais novo, um guri, que logo dormia com a cabeça sobre a bombacha cinza do velho Mendes. Às vezes, pedíamos para ele contar um causo de seu tempo de tropeadas, as passagens com o gado por vaus traiçoeiros, os bois fujões, as comidas improvisadas do cozinheiro tio Carrapicho, irmão da Mirica, as histórias de assombrações que apareciam nas rondas enluaradas em campos de estâncias antigas.

Foi nessas invernias de antanho que forjei este jeito de enfrentar sem medo as friagens malevas. Respeito muito o vento gelado que vem das cordilheiras, o minuano desgranido que enregela os ossos, atravessa como carneadeira os ponchos e machuca a carne. Mas medo, não. Lá, nos confins e corredores, aprendi que temor todos temos, um tem do outro, por isso é necessário enfrentar de peito aberto todas as adversidades. Para além do frio estão a temperança, as artimanhas, os abrigos, as fogueiras, o tutano da raça, os pelos eriçados, os pelegos de lã crioula, os palas trançados, os chapéus e lenços, as palhas de milho dentro das botas, o tijolo quente enrolado em jornais velhos nos pés para principiar o sono, o santa-fé dos tetos simples na beira da estrada.

Lembro-me do poema "Aqui estou, senhor inverno", do poeta regionalista Aureliano de Figueiredo Pinto, nascido em Júlio de Castilhos, conforme o historiador Firmino Costa. Tupanciretã reivindica a naturalidade do homem que acabou escolhendo Santiago para viver, Recordo, ainda, o capítulo "Inverno", do livro "Assim na Terra", de Luiz Sérgio Metz, o Jacaré. São textos que tratam de forma poética as agruras e belezas do inverno sulino. Neste momento, enquanto o vento uiva lá fora, viajo para um mundo ameno e claro, de passarada cantando nos galhos, dos campos verdejantes, de cabelos voando no bafo apaixonante de setembro. Porque além das invernias, estarão, sempre, as flores perfumadas da primavera.